

RELATO DE EXPERIÊNCIA EM OFICINAS DE EMOÇÃO: FAVORECENDO ESPAÇOS PARA A EXPRESSÃO SUBJETIVA EM CRIANÇAS INSTITUCIONALIZADAS.

Evelly Souza Costa ¹

Luanna Soledade Gresik ²

RESUMO

Este relato de experiência se constitui a partir das ações que foram realizadas no estágio supervisionado básico IV que teve sua execução no Abrigo Renascer localizado em Ilhéus-BA; instituição na qual visa o acolhimento de crianças que vivem em situações de negligência familiar, violência e maus tratos. Adicionalmente, esse artigo tem o objetivo de expor as contribuições significativas das oficinas de emoção no auxílio do desenvolvimento dinâmico das crianças presentes nesta instituição, corroborando com a construção da subjetividade a partir de um espaço de acolhimento, expressão e autoconhecimento frente as questões que permeiam o abrigo. Ademais, no que se refere a metodologia do estágio, realizou-se oficinas e psicoeducações de maneira lúdica, com os temas sendo, “O abrigo pelo Estatuto da criança e do adolescente”, “Emoção e subjetividade em crianças” e “A oficina como técnica”, com intuito de promover melhor compreensão, autoconhecimento e gerenciamento das emoções e desenvolvimento.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Crianças; Abrigo; Subjetividade; Emoção; Oficinas.

ABSTRACT

This experience report is constituted of the actions carried out in the supervised basic VI internship executed in Abrigo Renascer, located in Ilhéus, BA. This institution aims to shelter children that live in environments of family neglect, violence, and maltreatment. Additionally, the purpose of this article is to expose the significant contributions of the emotion workshop in aiding the dynamic development of the children present in this institution, which aids the construction of subjectivity from a space of embrace, expression, and knowledge within the question that permeate the shelter. Thus, in what refers to the internship's methodology, workshops and psycho-education are performed in a playful manner and presenting the following themes. The themes presented in this article are shelter through the Statute of the child and the teenager, Emotion and subjectivity in children and the workshop as technique to promote better comprehension, self-awareness, and general knowledge and management of emotions and development.

Keywords: Supervised Internship; Children; Shelter; Subjectivity; Emotion; Workshops.

¹ Graduanda em Psicologia do 7º semestre na Faculdade de Ilhéus (CESUPI), localizada em Ilhéus (BA). E-mail para contato: evellysouzacost@gmail.com.

² Graduanda em Psicologia do 7º semestre na Faculdade de Ilhéus (CESUPI), localizada em Ilhéus (BA). E-mail para contato: luanna.sg@live.com.

1 INTRODUÇÃO

O Abrigo Renascer fundamentado no Estatuto da criança e do adolescente e determinado pela Vara da Infância e Juventude, tem como o objetivo o acolhimento e apoio ao desenvolvimento de crianças de 0 a 12 anos que se encontram em situação de negligência social, visando proporcionar para estes indivíduos uma possibilidade de moradia em um local seguro. Ademais, é importante ressaltar que o objetivo da Vara é que seja um lar temporário, tendo em vista que este indivíduo ou volte a sua família de origem quando assim estiver preparada, ou ao ser destituído do poder familiar, consiga passar pelo processo de adoção.

A prática deste estágio, foi desenvolvida com um grupo de crianças de 5 a 11 anos, onde foram divididas em três temas, sendo eles emoção, adoção e sexualidade; temas que foram solicitados pela instituição como demanda principal para a realidade deles, que necessitavam de espaços para expressão subjetiva, para compreender o processo de adoção que os mesmos poderiam passar, e também possibilitando um espaço de autoconhecimento, para expressão emocional e compreensão da sexualidade, visando o cuidado com eles ao longo da vida.

Dessa forma, o desenvolvimento do trabalho frente a estes indivíduos baseou-se na necessidade de acolhimento e auxílio no desenvolvimento da sua subjetividade frente a ação de oficinas psicoeducativas. Segundo Goffman (1987), a subjetividade em instituições muitas vezes é prejudicada pelo estilo de vida que é desenvolvido nesse modelo, que como maneira de controle, tem regras, horários e cultura da própria instituição, dessa forma impossibilitando a expressão subjetiva do indivíduo, já que é necessário um comportamento padronizado.

Dessa forma, nesse artigo será abordado as oficinas que trabalham com tema emoção, pois as instituições por serem muito regradas e rígidas, acabam sendo prejudiciais para o desenvolvimento emocional, mostrando que as oficinas proporcionando um espaço de expressão subjetiva podem ajudar na formação emocional dessas crianças institucionalizadas.

Este tema foi escolhido pois acredita-se nas oficinas como técnicas de muita eficácia para o auxílio de indivíduos, pois é possível construir de maneira lúdica e coparticipativa as temáticas desejadas. Propondo atividades diversas e compreendendo o espaço de aplicação e o público-alvo, é possível adequar as técnicas para diversos públicos, com crianças, por exemplo, foram utilizadas técnicas como pinturas, leituras de história, teatro, músicas e escuta terapêutica durante as oficinas. (NASCIMENTO; SANTOS; RODRIGUES; NERY, 2007).

Torna-se importante nesse processo o olhar e escuta atenta da equipe de acordo com o desenvolvimento das atividades, pois de acordo com a realidade encontrada nos abrigos, muitas vezes podem ser desenvolvidas emoções não compreendidas, como medo, insegurança, raiva e

que por não serem devidamente acolhidas, muitas vezes expressam-se de maneira rígida e prejudicial para o indivíduo e para os demais ao seu redor, demonstrando assim a importância das oficinas para manejo emocional neste contexto institucional.

2 O ABRIGO PELO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), foi criado no ano de 1990, com objetivo de acolher crianças e adolescentes que eram retiradas do convívio familiar, por motivos de negligência, abandono e violência. Juntamente com o desenvolvimento do ECA, o termo “abrigo” começou a ser utilizado, para denominar instituições que cumpririam com o papel previsto de acolhimento provisório e excepcional frente a essas crianças em posição de vulnerabilidade social. (ECA, 2022)

O acolhimento ocorre de maneira provisória, pois de início a família biológica ainda está em contato com o indivíduo, podendo ter a recuperação dos poderes familiares ou a destituição total deste poder, que resulta no processo de adoção. O ECA (2022), atua nesse processo reafirmando a responsabilidade da família, do estado e da sociedade, buscando garantir a essa criança a não violência, discriminação ou exploração, dessa forma tornando esse processo menos danoso.

As instituições acolhedoras proporcionam cuidados básicos de saúde que englobam aspectos como alimentação, higiene, saúde e educação buscando garantir o bem-estar e integridade. A Lei nº 8.069/90 do ECA estabelece diretrizes para o atendimento às crianças em situação de risco, incluindo também aquelas que vivem em instituições de acolhimento. O objetivo é garantir que essas crianças tenham acesso a serviços de qualidade que possam ajudá-las a superar suas dificuldades emocionais e se desenvolver de forma saudável.

Para atender esse objetivo, os abrigos passaram a ser regulamentadas por normas técnicas que são responsáveis por definirem os critérios para sua implantação, funcionamento e fiscalização. Uma das cláusulas presentes, é a obrigatoriedade dessas instituições se assemelharem a residências, para que os indivíduos não sintam uma mudança tão violenta e brusca nesse processo, além disso, eles devem ter acesso a diversidade cultural, religiosa e convivência familiar.

No entanto, são enfrentados diversos desafios para garantir uma qualidade efetiva como a falta de recursos humanos, materiais e financeiros, pois mesmo tendo a satisfação das necessidades básicas, muitas vezes não há profissionais suficientes para a prestação de auxílio, assim, não conseguindo cumprir todas as normas técnicas previstas pelo ECA.

Diante do exposto, os abrigos desempenham um papel importante na proteção dos direitos das crianças e adolescentes em situações de risco. No entanto, esta instituição não deve ser uma solução definitiva e sim uma medida temporária a ser adotada quando não há uma alternativa mais adequada para garantir os direitos humanos do indivíduo. Portanto, é necessário que a instituição, o estado e a família de forma responsável, atuem em conjunto para que essas crianças retornem para as suas famílias de origem, compreendendo que em casos de destituição do poder familiar, elas têm direito a adoção.

2.1 Emoção e subjetividade nas crianças em abrigos

A emoção é a expressão das sensações de dentro para fora, daquilo que compõe em essência o ser humano podendo ser expressa pela comunicação verbal ou não verbal, assim sendo uma dimensão multifacetada. De acordo com Barreto e Silva (2010), as emoções podem ter um caráter “primitivo”, ou seja, podem atuar muitas vezes como recompensa e punição, respondendo a contingências externas, porém, é importante ressaltar que as emoções se relacionam com tanto com o comportamento influenciado pelo meio, tanto com a subjetividade, e por isso são tão particulares.

Complementando esse pensamento, Ekman (2011) cita em sua obra que as emoções são vivenciadas de maneiras diferentes para cada pessoa, mostrando que além da visão biológica desse conceito há outros meios e influências como a cultura. A mesma emoção pode ser expressa de formas distintas a partir do aprendizado cultural e social que permeiam a formação do indivíduo, mostrando como o contexto interfere diretamente no sentir de cada ser humano, porém ainda assim não é determinante, já que cada indivíduo vivencia de uma maneira.

Assim, as formas de expressão podem ser modificadas ao longo do decorrer da vida do sujeito, já que com o desenvolvimento da sua individualidade, há o aprendizado de novos conceitos e assim novas formas de reação frente as emoções já sentidas. As sensações são modificadas de acordo com a significação que o indivíduo demanda de determinada situação, ou seja, o modo como ele vivencia aquilo. (ROAZZI, et al, 2011)

Nas crianças não ocorre de forma diferente, de acordo com as situações vividas por elas, elas podem ter a percepção positiva ou negativa do ocorrido. Por isso, a questão emocional se torna tão delicada nas instituições, pois de acordo com Goffman (1961), as instituições não preparam o indivíduo para a volta ao mundo exterior, fazendo com que este tenha prejuízo no desenvolvimento da sua subjetividade podendo ter dificuldades para o enfrentamento de questões

cotidianas, logo, se é um ambiente pouco propício para a maturação emocional, será um ambiente que pode causar prejuízos nessa criança.

Ainda, Oliveira (2005) diz que a vida no abrigo é marcada por inúmeras regras, normas e pouco espaço para individuação. Se há uma privação de liberdade nesses espaços, torna-se difícil a possibilidade de momentos para o desenvolvimento emocional, na verdade, esses indivíduos sentem diversas emoções sem ao menos compreender o que está ocorrendo ou como lidar da melhor maneira.

Por fim, de acordo Pádua e Salum (2010), uma forma de proporcionar o bem-estar físico e emocional é a partir das oficinas terapêuticas, que se tornam de grande valia nesses espaços pois proporcionam um momento oportuno para o auxílio no desenvolvimento da subjetividade, ou seja, são momentos que o indivíduo consegue olhar para ele mesmo e perceber todas as sensações e questões que o permeiam auxiliando assim na percepção e “controle” das suas emoções.

2.2 Oficinas como técnica

As oficinas são metodologias que visam o desenvolvimento coletivo acerca de uma temática, contando com a participação ativa de todos os componentes. Joaquim e Camargo (2020), apresentam que existem sete tipos principais de oficina, sendo elas as de trabalho, artísticas, didáticas, pedagógicas, terapêuticas, de leitura e de escrita; mostrando que a sua utilização tem predominância no campo da saúde com aplicações em instituições, como hospital e o centro de atenção psicossocial, por exemplo.

Independentemente do tipo de oficina aplicada, Cedraz e Dimenstein (2005) afirmam que está só produz objetivo terapêutico caso estabeleça relação com uma realidade diferente da que os indivíduos estão habituados, proporcionando uma reflexão frente as conexões existentes em sua realidade e a produção de novos objetivos, ou seja, para a oficina ter sua eficácia é necessário analisar a necessidade e a realidade, para assim serem correlacionadas afim de proporcionar novas visões e percepções aos indivíduos.

Essas práticas são de grande valia em instituições pois são estratégias de recuperação psicossocial, compreendendo que indivíduos institucionalizados podem ser prejudicados frente a sua individualidade a depender do tempo presente na instituição. Ribeiro (2004), afirma que as oficinas são facilitadoras na produção psíquica dos sujeitos que estão envolvidos na sua produção, podendo proporcionar a intercomunicação entre sistemas como família, cultura e sociedade.

Em crianças, há a necessidade da utilização do lúdico frente as práticas de oficinas, pois o lúdico torna-se uma maneira de acesso ao interior infantil pois o brincar pela visão de Judi et al (2014) constitui o desenvolvimento saudável da criança, podendo agregar valores sociais, culturais e ensinamentos. Ressalta-se também a importância do diálogo e do acolhimento frente a interação do adulto com a criança.

Assim, é possível perceber os benefícios da utilização de oficinas terapêuticas em instituições como principal técnica de intervenção, podendo proporcionar o desenvolvimento completo do indivíduo atendendo as demandas existentes tanto na própria instituição, tanto no que o faz sentir que está para além da instituição.

3 RELATO DE EXPERIÊNCIA

As atividades desenvolvidas no Abrigo Renascer foram fundamentadas a partir de temas solicitados pela instituição, onde o trabalho iniciou-se com o enfoque nas emoções, proporcionando um espaço seguro e acolhedor afim de que as crianças conseguissem se perceber como indivíduos autônomos e donos da sua própria subjetividade.

O público trabalhado constava com a faixa etária de 5 a 11 anos e se constituiu um grupo pequeno, com aproximadamente 10 crianças que participavam regularmente. As tarefas foram planejadas antes de iniciar a prática nas semanas de supervisão teórica, onde foram distribuídas em três blocos de conteúdo, emoção, adoção e sexualidade.

As atividades foram pensadas de maneira lúdica e construtiva ao longo dos encontros, visando a participação e exposição teórica de forma simplificada sobre o que era necessário. Iniciou-se com o bloco temático emoção, ao qual embasa este artigo; ao encontrarem com o grupo, as crianças a priori demonstravam-se desreguladas e aparentemente sem vontade de realizar as atividades propostas.

Por consequência desse comportamento, as estratégias tiveram que adaptar-se, compreendendo os gostos deles e o que conseguia alcançá-los de maneira mais objetiva e profunda. Dessa forma, foram utilizadas técnicas como teatro, música, brincadeiras guiadas e produções de materiais para melhor compreensão sobre o tema abordado; possibilitando de modo lúdico a capturação da atenção da criança para o desenvolvimento positivo das atividades propostas.

Estabeleceu-se que as práticas seriam separadas em três grandes momentos, primeiramente com o acolhimento, visando acalmá-los e estabelecer uma conexão frente a atividade, utilizando músicas e alongamentos; no segundo momento, era realizada a prática

principal, onde independente do que foi planejado, sempre buscava a participação das crianças para a compreensão da psicoeducação e assim, finalizando a prática com o encerramento.

Desta forma, para abordar emoção, inicialmente compreende-se a necessidade da psicoeducação de maneira lúdica para fornecer conhecimento frente a temática que seria abordada, logo, foi realizado de maneira teatral com os personagens da animação da Disney “Divertidamente” a apresentação das emoções base, sendo elas a alegria, raiva, tristeza, nojo e medo.

Compreendendo que as crianças já tinham um conhecimento prévio sobre as emoções, o objetivo se tornou proporcionar a elas um momento de autopercepção, fazendo com que naquele espaço elas se sentissem confortáveis para se perceber e compreender que mesmos todos compartilhando os mesmos sentimentos, eles podem ser demonstrados e sentidos de maneira distinta

Por isso, foi desenvolvido o “Emocionômetro”, feito em uma cartolina com o objetivo de que diariamente eles conseguissem marcar como estavam se sentindo no momento. Esse auxiliador foi deixado exposto na parede do Abrigo, sendo utilizado ao longo da prática do estágio, cumprindo o objetivo de autopercepção e de constância frente a autoanálise emocional.



Emocionômetro realizado no dia 10/10/2023 no Abrigo Renascer.

Ao longo das atividades, foi possível perceber que as crianças estavam compreendendo e absorvendo o tema, mas ainda assim, o processo de internalização é demorado e por isso, a última prática com a temática emoção foi o desenvolvimento da garrafinha como auxílio para o manejo da ansiedade/raiva.

A garrafinha era completa com água e partículas de brilho, sendo proposto que ao se sentirem em situações em que estivesse desestabilizado, sacudissem a garrafinha e aguardassem as partículas voltarem ao seu estado de inércia, fazendo com que eles respirassem e

conseguissem pensar em como agiria a determinada situação. Para compreensão completa, foi desenvolvido um teatro com várias possibilidades de uso da garrafinha, demonstrando na prática como eles poderiam usar esse objeto terapêutico.

4 ANÁLISE CRÍTICA

Estes temas abordados são de extrema importância por estarem presente no contexto dessas crianças; a emoção foi abordada visando proporcionar um espaço para o desenvolvimento expressivo e subjetivo dessa criança, que muitas vezes pode ser prejudicado pelo funcionamento da instituição e por toda a carga vivencial que essa criança traz, que carrega muitas mágoas, abandonos, dores e muitas vezes abusos.

Foi perceptível a evolução das crianças de acordo com o desenvolvimento das atividades no seu próprio relato e atitudes, como cita Ekmann (2011), as emoções são sentidas e expressas de maneiras distintas, dessa forma, proporcionando um espaço seguro, as crianças forma capazes de compreender e se autoperceber frente as suas emoções, vendo que elas poderiam sentir de forma diferente ao colega e que isso era normativo.

As oficinas terapêuticas foram uma técnica que conseguiu abranger o tema e o público de maneira eficaz. De acordo com Azevedo e Miranda (2011), as oficinas são atividades interativas, onde há a construção do público assistido juntamente com o facilitador, dessa forma, as crianças participando do processo facilitou a compreensão e colaboração dela para o cumprimento dos objetivos previstos no estágio.

Entre os resultados esperados, estavam o aumento da capacidade de reconhecimento das emoções básicas, a compreensão que as emoções geram reações tanto neles mesmos e nas outras pessoas, tudo isso estabelecendo uma comunicação respeitosa, simples e afetiva. Desta forma, acredita-se que o estágio desenvolveu o seu papel de maneira satisfatória, sendo muito rico para o aprendizado e desenvolvimento de habilidades socioemocionais dos estudantes de psicologia; o campo institucional, principalmente com crianças, através da sua delicadeza de demandas é capaz de transformar qualquer ser humano que se proponha a vivenciar esta atividade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, que as oficinas de emoção, favoreceram o agrupamento dos conhecimentos teóricos com a prática desenvolvida no campo, dessa forma, as atividades proporcionaram

aprendizados de qualidade, atendendo aos objetivos do estágio, em que se esperava que as crianças conseguissem compreender suas emoções proporcionando o autoconhecimento resultando em benefícios para todos os participantes.

Ademais, essas atividades tornam-se de extrema importância, pois as instituições podem ser prejudiciais para o desenvolvimento emocional do indivíduo, onde acabam prejudicando o desenvolvimento da subjetividade das pessoas institucionalizadas, diminuindo a expressão de suas emoções. Assim, as oficinas realizadas de maneira lúdica promovem efeitos de transformações que ultrapassam o momento de realização favorecendo a expressão subjetiva das crianças.

Logo, foi possível observar que a partir destas oficinas, as crianças obtiveram um desenvolvimento aprimorado das suas habilidades sociais, como a cooperação em grupos e comunicação em pares, proporcionando momentos de interação, diálogo, troca de experiências e afetividade.

Portanto, considera-se que a compreensão extraída ao decorrer dos dias letivos vivenciados no estágio foi de grande importância para a integração na vida profissional do estudante e ao decorrer da graduação. É possível considerar que para o desenvolvimento profissional o conjunto da teoria e da prática caminhando lado a lado é imprescindível, onde o estágio, de maneira fluida, desenvolve a comunicação entre esses dois pilares do aprendizado, a teoria e a prática.

REFERÊNCIAS

BARRETO, João Erivan Façanha et al. Sistema límbico e as emoções: uma revisão anatômica. **Revista neurociências**, v. 18, n. 3, p. 386-394, 2010.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília.

CEDRAZ, Ariadne; DIMENSTEIN, Magda. Oficinas terapêuticas no cenário da Reforma Psiquiátrica: modalidades desinstitucionalizantes ou não?. **Revista mal-estar e subjetividade**, n. 2, p. 300-327, 2005.

EKMAN, Paul. A linguagem das emoções. **São Paulo: Lua de Papel**, p. 77-108, 2011.

GOFFMAN, Erving. Manicômios, prisões e conventos. In: **Manicômios, prisões e conventos**. 1961. p. 316-316.

JOAQUIM, Felipe Ferreira; CAMARGO, Maria Rosa. Revisão bibliográfica: oficinas. **Educação em Revista**, v. 36, p. e218538, 2020.)

JURDI, Andrea Perosa Saigh et al. Oficinas lúdicas: favorecendo espaços de encontro para crianças abrigadas. **Revista Ciência em Extensão**, v. 10, n. 1, p. 62-71, 2014.

NASCIMENTO, Maristella Santos. Oficinas pedagógicas: Construindo estratégias para a ação docente—relato de experiência. **Estudos da Língua (gem)**, v. 3, n. 1, p. 85-95, 2007.

PÁDUA, Flávia Helena Passos; MORAIS, Maria de Lima Salum. Oficinas expressivas: uma inclusão de singularidades. **Psicologia USP**, v. 21, p. 457-478, 2010.)

RIBEIRO, R. C. F. Oficinas e redes sociais na reabilitação psicossocial. Oficinas terapêuticas em saúde mental: Sujeito, produção e cidadania. Rio de Janeiro. p.105-116, 2004.

ROAZZI, Antonio et al. O que é emoção? Em busca da organização estrutural do conceito de emoção em crianças. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 24, p. 51-61, 2011.